Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Da maternidade à loucura: a desconstrução da feminilidade em *O Papel de Parede Amarelo* e *A Cachorra* /

From motherhood to madness: the deconstruction of femininity in The Yellow Wallpaper and The Bitch

Lana Rayssa dos Santos Ferreira[']

Lana Ferreira é estudante de Licenciatura em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

https://orcid.org/0009-0003-5421-1399

Patrícia Pinheiro-Menegon["]

Patricia Menegon é doutora em Linguagem e Ensino pelo PPGLE/UFCG-PB. Atua como docente no Curso de Letras Portugues/Inglês da Universidade Federal do Maranhão. Trabalha com Literatura com ênfase na educação para as relações étnico-raciais.

https://orcid.org/0000-0002-9644-2801

Recebido em: 23 mai. 2026. **Aprovado** em: 16 out. 2026.

Como citar este artigo:

FERREIRA, Lana Rayssa dos Santos; MENEGON, Patrícia Pinheiro. Da maternidade à loucura: a desconstrução da feminilidade em O Papel de Parede Amarelo e A Cachorra. *Revista Letras Raras.* Campina Grande, v. 15, n. 1, e-7594, nov. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.24612849.

RESUMO

Ao refletirmos acerca de uma obra literária uma das maneiras de analisá-la é por meio da crítica feminista, que considera a mulher na sociedade e como esta é influenciada por papéis de gênero pré-determinados pelo contexto. Assim, o objetivo deste artigo é analisar algumas questões de feminilidade implícitas no cotidiano feminino, com enfoque, sobretudo, às temáticas da maternidade e da loucura presentes nas obras *O Papel de Parede Amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman (2021), e *A Cachorra*, de Pilar Quintana (2020). Historicamente, a figura feminina, apesar de muito retratada na literatura mundial, provoca interesse analítico por sua complexidade, uma vez que a mulher, cercada por diferentes contextos, adveio muitas vezes da marginalização à busca por uma voz própria. Diante disso, metodologicamente, utilizamos a pesquisa bibliográfica e analítica, usando como referencial teórico as ideias de Beauvoir (2024), Badinter (2011) e Saffioti (2013), nas obras *A Mulher Independente*, *O Conflito: a Mulher e a Mãe* e

[' lana.ferreira@discente.ufma.br

[" patricia.menegon@ufma.br

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A mulher na sociedade de classes. Ademais, em um primeiro momento faremos uma breve contextualização sobre os textos de Gilman (2021) e Quintana (2020), e logo após avançaremos para a análise, com base na crítica feminista de Bonnici e Zolin (2009). Em suma, em Gilman (2021), a ruptura mental emerge do silenciamento e da interdição da palavra, em Quintana (2020), essa ruptura emerge do colapso diante da frustração do ideal materno. Em ambos os casos, a loucura deixa de ser apenas um desvio individual e passa a ser lida como sintoma de uma estrutura social opressiva.
PALAVRAS-CHAVE: A Cachorra; O Papel de Parede Amarelo; Maternidade; Crítica Feminista.

ABSTRACT

When reflecting on a literary work, one way to analyze it is through feminist criticism, which examines women's place in society and how they are influenced by gender roles predetermined by their context. Thus, the objective of this research is to analyze certain issues of femininity implicit in women's daily lives, focusing primarily on the themes of motherhood and madness present in the works The Yellow Wallpaper by Charlotte Perkins Gilman (2021) and The Bitch by Pilar Quintana (2020). Historically, the female figure—despite being widely portrayed in world literature—has sparked analytical interest due to its complexity, since women, surrounded by diverse contexts, have often moved from marginalization to the search for their own voice. In light of this, methodologically, we employed bibliographic and analytical research, using as our theoretical framework the ideas of Beauvoir (2024), Badinter (2011), and Saffioti (2013), as presented in the works The Independent Woman, The Conflict: Woman and Mother, and Woman in Class Society. Furthermore, we will first provide a brief contextualization of the texts by Gilman (2021) and Quintana (2020), and then proceed to the analysis, based on the feminist critique by Bonnici and Zolin (2009). In short, in Gilman (2021), mental breakdown arises from silencing and the suppression of speech; in Quintana (2020), this breakdown arises from a collapse in the face of the frustration of the maternal ideal. In both cases, madness ceases to be merely an individual deviation and comes to be interpreted as a symptom of an oppressive social structure.
KEYWORDS: The Bitch; The Yellow Wallpaper; Motherhood; Feminist Criticism.

1 Introdução

Ao analisarmos uma obra literária, não podemos escapar do meio que nos cerca e das ideologias que temos, como apontado pela crítica. Dessa forma, uma das maneiras de analisar um texto literário é a crítica feminista, que possibilita uma visão acerca da representação feminina no universo literário e que leva em conta a mulher na sociedade e como esta é influenciada por papéis de gênero pré-determinados pelo meio. Assim, o objetivo deste artigo é analisar as questões de feminilidade implícitas no cotidiano feminino, com enfoque, principalmente, na maternidade e na loucura e o que elas desencadeiam nas obras *O Papel de Parede Amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman (2021), e *A Cachorra*, de Pilar Quintana (2020).

A figura feminina, apesar de muito retratada na literatura mundial, ainda provoca interesse analítico pela complexidade que possui, uma vez que a mulher, cercada por diferentes contextos e apresentando experiências plurais, adveio muitas vezes da marginalização à busca por uma voz própria e à desconstrução de papéis de gênero, ao passo que, com o surgimento do movimento feminista, as análises acerca das obras que tratam da mulher mudaram drasticamente,

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

especialmente após a segunda onda do feminismo. Assim, para fins de melhor compreensão por parte do leitor, o movimento feminista é compreendido neste trabalho, segundo hooks (2018, p. 12), como "um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão". Apesar de esta definição ser um tanto recente comparada ao início da crítica feminista, ela aponta de forma concisa o que é o movimento e como podemos enxergá-lo no cotidiano, além da sua influência na contemporaneidade.

Vale ressaltar, antes de tudo, que a crítica literária feminista, segundo Bonnici e Zolin (2009, p. 218) "é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social", que surgiu em um meio branco e burguês e que, por isso, em sua gênese, não reconhecia a luta de mulheres que não se encaixavam nele. Entretanto, essas ideias não se aplicam no presente artigo, tendo em vista que a análise proposta foge do meio branco burguês e parte para um campo mais amplo, levando em consideração fatores identitários e psíquicos, não apenas de raça e classe.

Diante disso, utilizamos no presente trabalho de uma metodologia bibliográfica e analítica, usando como referencial teórico as ideias de Simone de Beauvoir (2024), Elisabeth Badinter (2011) e Heleieth Saffioti (2013), nas obras *A Mulher Independente*, *O Conflito: a Mulher e a Mãe* e *A mulher na sociedade de classes*, que são relevantes para o que propomos. Ademais, em um primeiro momento faremos uma breve contextualização sobre os textos de Gilman (2021) e Quintana (2020), e logo após avançaremos para a análise, com base na crítica literária feminista, ancorada em Bonnici e Zolin (2009).

2 Sobre as obras

Em janeiro de 1892, Charlotte Perkins Gilman (2021) publica seu conto *O Papel de Parede Amarelo*, este que talvez seja seu trabalho mais conhecido. Ele é narrado em primeira pessoa por uma mulher que se muda para um casarão antigo com seu marido, John, como parte de seu tratamento do que hoje é conhecido como depressão pós-parto. John é, além de marido, médico da protagonista, tendo então total controle sobre a vida de sua mulher e prescreve para ela um "tratamento de repouso", que a proíbe de escrever, entrar em contato com as pessoas e se movimentar demasiadamente.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A mulher, que não é nomeada, e seu marido ficam, após a mudança, instalados no que ela chama de "o quarto de crianças", no piso de cima do casarão. O quarto possui janelas grandes e um papel de parede amarelo que, desde a primeira vez que foi visto, causou repulsa na protagonista. Com o tempo, porém, ela fica obcecada pelo papel, acreditando que há uma mulher presa dentro dele tentando sair. Ao longo dos dias, a sua obsessão pelo papel e pela mulher afeta drasticamente a sua saúde mental, o que a faz delirar e se entregar à sua loucura.

No final do conto, a protagonista acredita fielmente que ela é a mulher que estava presa no papel de parede. Assim, em estado de loucura, ela rasteja pelo quarto e entrega-se à ilusão de que, ao fazer isso, estará livre, mesmo que esteja, aparentemente, fora de si e ainda presa dentro de casa.

Para fins de cotejo, temos o romance *A Cachorra*, da autora colombiana Pilar Quintana (2020). Sendo narrado em terceira pessoa, acompanhamos Damaris, uma mulher que vive em um povoado na costa da Colômbia com seu parceiro e que cuida de uma casa abandonada, há muito tempo, pela família de um conhecido de infância. Damaris é acometida pela solidão e frustração de nunca ter tido um filho. Por conta desses sentimentos, ela resolve adotar a cachorra da ninhada de uma vizinha para tentar se distrair da decepção de não conseguir engravidar.

A cachorra, que Damaris nomeia gentilmente de Chirli – o nome que ela daria para sua filha, se tivesse uma, – desperta nela instintos protetores, violentos e profundos que supostamente só a maternidade seria capaz de produzir. A relação delas se intensifica ao ponto de a protagonista não saber mais se a presença da cachorra a faz bem ou mal.

Quando Chirli engravida pela primeira vez, é notável como Damaris não se sente feliz e confortável com aquela situação. Ela se sente traída por aquela que deveria estar sempre ao seu lado, na mesma condição. Assim, quando a cachorra engravida outras vezes, a loucura e a paranoia dominam sua mente e, ao final do romance, Damaris a mata.

No que diz respeito à construção narrativa, temos aqui duas obras bem distintas: um conto e um romance. Entretanto, ambas dialogam por tratarem de temáticas da vivência feminina e da imposição da sociedade sobre seus corpos e mentes, o que facilmente as leva à loucura. Dessa forma, Gilman e Quintana retratam de forma verossímil como a violência, física, simbólica ou psicológica, se apresenta na vida das mulheres, e como, independente da época, o controle sobre o feminino ainda se faz presente.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A loucura, em especial, é uma característica presente nas obras de Gilman e Quintana, talvez para representar uma forma de liberdade que só é possível quando nos desprendemos das expectativas do outro. Com isso, a loucura da protagonista de *O Papel de Parede Amarelo* (2021) ou a de Damaris se torna importante para a compreensão do papel da mulher na sociedade e na forma como ela é vista no sistema patriarcal em que vivemos. Diante disso, precisamos definir a feminilidade e como ela se perde nas obras analisadas neste artigo, além de também relacionarmos isso à maternidade e ao controle do corpo feminino, se tratando do que é esperado de uma mulher.

3 Desconstruindo a feminilidade: maternidade e não-maternidade

Simone de Beauvoir (2024), na introdução de *O segundo sexo*, presente no livro *A mulher independente*, afirma que "todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçadora que é a feminilidade" (2024, p. 25). Essa afirmação da autora é muito interessante, pois faz uma distinção fundamental entre sexo biológico e condição existencial.

Entendemos que, quando Beauvoir (2024) afirma que nascer em um corpo feminino não basta para ser "mulher", certamente, essa compreensão se dá no âmbito social. Pois, ser mulher é algo que se constrói culturalmente, através da educação, das normas de comportamento, dos papéis sociais e das expectativas impostas. Em outras palavras, ela acredita que o gênero, acima de tudo, é uma construção social, e que, para nos encaixarmos nesse meio, precisamos aceitá-lo como tal. O fato de a feminilidade ser atribuída a costumes e trejeitos femininos implica diretamente na dominação social sobre o corpo feminino. Com isso, da mesma forma que ela vem sendo construída há tantos séculos, percebemos uma quebra em determinados aspectos na contemporaneidade.

Dessa forma, além de a feminilidade ser um produto dessa construção social, temos a maternidade como o seu ápice. Se levarmos em consideração que o 'ser mãe' foi visto, em diversas épocas e culturas, como algo fundamental e necessário na vida de uma mulher e, sobretudo, imposto como meta de vida para boa parte da população feminina, o que acontece, atualmente, é menos difundido pela grande massa progressista ocidental. Assim, Saffioti (2013) diz que:

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> Acreditando na passividade como propriedade intrínseca da personalidade feminina, "verdade" afirmada pelos livros científicos, propalada e reinterpretada pela literatura de divulgação e pela "imprensa do coração", a mulher se definiu, de fato, como uma criatura passiva, ratificando suas concepções através do comportamento manifesto (SAFFIOTI, 2013 p. 409).

A partir do excerto acima, indiscutivelmente, a autora denuncia como a passividade foi historicamente construída como "essência feminina", mesmo que isso não seja natural. Nesse contexto, a mulher na posição passiva, como expõe Saffioti, é tida como a ideal, dentro dos padrões impostos a ela, o que não implica na sua completude e nem na sua felicidade. Com isso, a sociedade patriarcal normalizou e difundiu essa ideia como "científica", que mais tarde foi reforçada pela cultura, através de livros, filmes e a "imprensa do coração", onde a mulher é assentada como naturalmente dócil, submissa, passiva e mãe, não reconhecendo a construção social por trás.

Dessa forma, é notável como a ideia de que a maternidade deve ser essencial para uma mulher ainda é permeada pelo consenso patriarcal da passividade e submissão feminina. Certamente é esse pensamento, muitas vezes limitante e opressor, que podemos compreender em Damaris, protagonista de *A Cachorra*, pois, por ser uma obra que foi publicada no século atual, nos permite ter uma visão de como, provavelmente, para a população feminina de classes mais baixas, ter um filho consiste em um modo de não ser, inteiramente, desumanizada, uma vez que evidencia o ser mulher por meio da maternidade. Assim, evidenciamos que, provavelmente, o desejo de Damaris pode não ser necessariamente apenas de ser mãe, mas também de ser vista como humana.

E, um fato que nos chama atenção é que, como aponta Badinter (2011, p. 122), o destino feminino se confunde cada vez menos com a maternidade, ou seja, a mulher contemporânea não se vê mais apenas em casa cuidando dos filhos, marido etc. Ela cogita para além de ser mãe. Entretanto, essa realidade, infelizmente, não será a de todas as mulheres, como foi exemplificado acima a partir da protagonista Damaris.

Nesse sentido, as duas obras em análise, mesmo que publicadas em períodos distintos, tratam sobre a maternidade e a não-maternidade de maneiras que podem gerar reflexões profundas. Pois, a desconstrução da feminilidade pode ser observada em ambos os casos, sendo representada, principalmente, pela mãe e a não-mãe.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A narradora de Gilman, como já foi apontado, está em um tratamento para a depressão pós-parto. Ela não consegue nem segurar o próprio filho: "Por sorte, Mary é muito cuidadosa com o bebê. Que bebê bonzinho! Mesmo assim, não consigo ficar com ele, isso me deixa tão nervosa" (Gilman, 2021, p. 10). Em contrapartida, o maior desejo de Damaris, protagonista de *A Cachorra,* é ter um filho, e a cachorra assumirá esse papel em sua vida: "Damaris matutou que com a cadela tudo seria diferente. Era sua, e ela não permitiria que Rogelio lhe fizesse nenhuma daquelas coisas, não deixaria nem que a olhasse feio" (Quintana, 2021, p. 13). Assim, enquanto uma personagem é mãe, mas exerce esse papel, pois não aceita o bebê, a outra quer desesperadamente ser, porém nunca o será de fato.

Assim, Badinter (2011), ainda sobre as implicações do social na vida feminina, levanta questionamentos pertinentes quando diz o seguinte: "Como escapar ao aprisionamento materno quando ele é objeto de um consenso social? Como mudar o jogo quando toda a sociedade é organizada pelos homens e para os homens, que só encontram vantagens no *status quo*?" (2011, p. 132). Para além disso, como a protagonista de *O Papel de Parede Amarelo* (2021) e Damaris conseguirão escapar das amarras e expectativas impostas sobre elas? E ainda, como a maternidade as aprisiona? São várias as nuances que cercam a maternidade e como ela é imposta para as mulheres nessas duas obras, o que torna cada vez mais complicado não a atrelar à sociedade em si e aos seus problemas. Ademais, Badinter (2011) também é profundamente crítica quanto a isso, e gera reflexões acerca das estruturas sociais que aprisionam as mulheres no papel de mães, mostrando como esse aprisionamento não é apenas individual, mas coletivo e socialmente reproduzido, o que é facilmente identificado na jornada de ambas as personagens tratadas neste artigo.

> A felicidade pessoal da mulher, tal como era entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica. [...] Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família (SAFFIOTI, 2013, p. 63).

O fato de a mulher ser vista como submissa, como Saffioti expõe, ainda que atualmente essa visão seja fortemente rebatida, coloca sobre ela imposições e desejos de uma sociedade ainda centrada no ponto de vista masculino, ou seja, do sujeito homem. Por conseguinte, se torna

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

evidente como, nas obras analisadas, as protagonistas se enquadram e se subjugam ao que, infelizmente, é esperado delas: a personagem de Gilman casa-se e tem um bebê. Damaris, também casada, tentou o possível para engravidar após ouvir que ela e seu marido precisavam disto enquanto casal. O desejo pela maternidade dessas personagens, dessa forma, pode ser interpretado como um espelhamento do que é socialmente difundido para as mulheres. Porém, o ponto de problematização é justamente o fato de, para serem mães, elas foram antes deslocadas de seus lugares enquanto mulheres, pois, mesmo que Damaris e seu companheiro não sejam propriamente pais, eles sofrem pela expectativa de que precisam ser; e mesmo que a personagem de Gilman tenha conseguido ter um bebê, isso a abalou profundamente.

Diante disso, percebemos como a imposição não recai apenas na mulher, como também no homem, de casar e ter filhos, embora que de maneira mais moderada e liberal. Assim como Badinter (2011) e Saffioti (2013) afirmam, estamos vivendo em uma sociedade patriarcal, feita e moldada de homem para homem, com a mulher servindo apenas como um ser passivo e submisso, como esposa e mãe.

> O homem que constitui a mulher como um outro encontrará nela profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *outro* (BEAUVOIR, 2024, p. 33).

Nessa perspectiva, diante do pensamento de Beauvoir (2024) sobre sujeito, o homem é livre, consciente, capaz de agir e de se afirmar no mundo. No entanto, a mulher, na estrutura patriarcal, não é reconhecida nem se reconhece como sujeito. Pois, foi educada para ser o Outro, o complemento, o espelho do homem, e não um ser autônomo. Sendo que isso não significa falta de capacidade, mas sim falta de condições históricas para exercer sua liberdade.

Assim, o que temos nas obras analisadas ultrapassa as expectativas impostas às mulheres, da forma mais controversa possível. O habitual para uma mulher é casar e ter filhos, ser o *outro*, e isso ocorre em *O papel de parede amarelo* (2021), até certo ponto. Entretanto, a desconstrução da protagonista ocorre justamente quando esta se torna uma mãe, pois ela vira o *Outro* do outro pré-existente, que é ela mesma. Assim, o 'ser mãe' coloca o 'ser mulher' em segundo plano. Consequentemente, nessa esteira, a maternidade acaba apagando o feminino. Isto é, ao 'ser mãe', a personagem sofre os impactos de não ser mais vista como antes e, consequentemente, se sente rebaixada ao ponto de perder sua feminilidade e sua autonomia.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

No entanto, não é apenas o 'ser mãe' que desconstrói a protagonista, mas também o fato dela não conseguir exercer esse papel. E possivelmente, por conta disso, ela ficou tão obcecada com o papel de parede de seu quarto, porque ela seniu que ter dado à luz a tenha aprisionado à algo que ela nunca quis ou que não estava pronta para ser. Além disso, todo o desenrolar da sua neurose, que será abordada mais à frente, faz com que cada vez mais ela seja desumanizada, o que também contribui para a sua desconstrução enquanto mulher no século XIX.

> As não mães são constantemente obrigadas a se justificar, como se, ao contrário de todas as mães, elas nunca tivessem tido problemas, ou perfil psicológico preocupante, observa Émilie Devienne. Ela é objeto de pressões de seus pais, da família, dos amigos (que são pais), dos colegas de escritório… Em resumo, de toda a sociedade. Tanto que se pode legitimamente perguntar se não seria melhor falar de "dever" do que de "desejo de filho" (BADINTER, 2011, p. 145).

No excerto acima, Badinter expõe um mecanismo de julgamento e estigmatização que se manifesta quando a mulher foge do papel considerado "natural" dentro de uma cultura patriarcal. Porém, no caso de Damaris temos uma situação um tanto diferente. Ela pode ser chamada do que Badinter classifica como "*nulípara"*, ou seja, uma mulher que nunca teve um filho e que, por conseguinte, segundo a autora, é "amputada de sua existência e de seu lugar no mundo" (2011, p. 121). O fato de a personagem nunca ter tido um filho implica na sua frustração constante, além de também evidenciar as pressões sociais que recaíram sobre ela:

> Damaris não pôde ter filhos. Juntou-se com Rogelio aos dezoito anos e, depois de dois anos de relacionamento, as pessoas começaram a questionar: "Os bebês vêm quando?" ou "Por que que estão demorando tanto?". Eles não estavam fazendo nada para evitar a gravidez, e então Damaris passou a tomar infusões de duas ervas da mata, erva-de-santa-maria e erva-do-espírito-santo, que ouvira falar serem muito boas para a fertilidade (QUINTANA, 2021, p. 21).

Sob essa perspectiva, não ser mãe torna Damaris, aos olhos da sociedade, menos feminina, e ela, consequentemente, sente-se dessa forma. A sua não-maternidade a desconstrói enquanto mulher aos olhos daqueles que a rodeiam. Ela se perde nas expectativas do outro, tenta se encaixar, mas nunca consegue. Ao adotar Chirli, sua cachorra, é como se tivesse uma nova chance para mostrar para os que duvidaram que ela pode sim ser como as outras, ser uma mãe. Ela passa a tratar a cachorra como sua própria filha e amá-la com intensidade. No entanto, a cachorra, após uma fuga, volta prenha e Damaris não suportava vê-la. Era uma tortura "encontrá-la cada vez mais barriguda quando abria a porta do casebre" (Quintana, 2020, p. 106). Assim, o relacionamento de Damaris com Chirli fica cada vez mais violento, pois o carinho e o amor que ela

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

dedica à cachorra se confunde gradativamente com ódio e desprezo por atitudes que a cadela, enquanto um animal irracional, não tem controle.

Os desejos de Damaris se confundem com a realidade da cachorra. Ela se vê com inveja e raiva de sua cadela por ter conseguido o que ela tanto queria: ser mãe. E a partir daí tudo muda: Damaris começa a acreditar que Chirli, a cachorra, é uma mãe horrível e que ela seria muito melhor. A cachorra, assim, passa a ser cada vez mais humanizada por Damaris, e esta, quase como se para manter um equilíbrio, nos parece cada vez mais animalizada, completamente fora do padrão que é esperado de uma mulher.

Assim, tanto o conto *O papel de parede amarelo* (2021), quanto o romance *A Cachorra* (2020), são representações do que ainda vemos socialmente em relação às mulheres e à maternidade. A história que retrata uma mãe com depressão pós-parto resulta na obsessão e desequilíbrio da protagonista. Enquanto a história que narra a vida de uma mulher que nunca conseguiu ser mãe resulta no assassinato de uma cachorra. Ambos os casos, apesar de temáticas um tanto semelhantes, possuem desfechos com sentidos distintos: no conto de Gilman (2021) a personagem principal rompe com as pressões sociais impostas sob ela e liberta-se de seu emparedamento, enquanto no romance de Quintana (2020) a ruptura de Damaris com a feminilidade ocorre após ela perceber o possível fim do seu desejo de ser mãe, simbolizado pela morte da cachorra.

4 A aceitação da loucura como um caminho para a liberdade

Tanto em Gilman (2021) quanto em Quintana (2020), a “loucura” não é apenas uma questão psicológica das personagens, mas uma reação simbólica à opressão que ambas sentem. Nas duas narrativas, as protagonistas vivem sob expectativas sociais e culturais que negam seus desejos e vozes. Elas são confinadas em espaços, o quarto com o papel de parede amarelo e a casa isolada à beira-mar, que representam prisões físicas e psíquicas. E, diante da impossibilidade de se expressarem racionalmente ou de encontrar reconhecimento, a “loucura” surge como única via de fuga do controle social.

Com isso, entendemos que os espaços físicos ocupados pelas personagens simbolizam o seu enclausuramento diante de suas verdadeiras vontades ignoradas. Não é por acaso que a protagonista de Gilman se imagina presa no papel de parede, como uma simples decoração da

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

casa, incapaz de verbalizar os seus anseios para os outros. Ou então, o fato de Damaris nunca ter abandonado a casa onde seu amigo de infância faleceu, deixando-a sempre arrumada e aguardando algo que nunca retornará ou será dela.

Sob essa ótica, a construção da loucura presente nestas obras, contribui diretamente para a desconstrução das personagens. Ao serem levadas ao extremo pelo meio, a busca, mesmo inconsciente, pela liberdade torna-se importante para ambas. Como já foi explorado, as questões de maternidade estão presentes nas duas obras, mesmo que de formas distintas. Agora, no entanto, analisaremos como essas questões acarretam na loucura e libertação em *O papel de parede amarelo* (2021) *e A Cachorra* (2020), partindo do seguinte excerto de Beauvoir:

> Estou convencida de que a maior parte dos incômodos e doenças que atingem as mulheres tem causas psicológicas: foi o que me disseram, aliás, certos ginecologistas. É por causa da tensão moral de que falei, por causa de todas as tarefas que assumem, das contradições em meio às quais se debatem, que as mulheres estão sem cessar estafadas, no limite de suas forças; isso não significa que seus males sejam imaginários: são reais e devoradores como a situação que exprimem (BEAUVOIR, 2024, p. 62).

Chegando ao final do conto, a protagonista de *O papel de parede amarelo* (2021) fica cada vez mais obcecada com o papel, tanto que seu marido, John, observa uma melhora promissora no comportamento da mulher, mas ela não pode dizer que "a melhora era *graças* ao papel de parede" (Gilman, 2021, p. 19). Ela observa o padrão se movimentar, e conclui que a mulher atrás dele o sacode, e que às vezes ela sai durante o dia, sempre rastejando. Essa sua obsessão com a mulher se intensifica ao ponto de ela achar que, na verdade, ela é a mulher emparedada tentando se libertar.

> O fato de que a mística recai com muito maior insistência sobre a mulher casada e, sobretudo, sobre a mãe de família, constitui, por si só, um índice significativo de que ela visa a impedir, na família, mudanças que a tornem incompatível com a estrutura classista [...] Assim, a mulher, cuja personalidade mais se aproxima do tipo ideal formulado pela cultura ocidental, isto é, que encarna, com a dedicação exigida socialmente, seu papel de esposa e mãe de família, reúne as condições para promover seu amplo ajustamento à estrutura familiar e à sociedade em geral [...] Não há, pois, exagero em se afirmar que o estado civil da mulher condiciona, extensa e profundamente, sua participação em outras estruturas, definindo padrões diversos de sua integração na sociedade global (SAFFIOTI, 2013, p. 429-430).

O que podemos refletir a partir desta citação é que, a condição civil da mulher não é neutra**,** mas um fator estruturante de sua vida social, econômica e simbólica, pois define o modo como ela é vista, tratada e aceita nas diversas esferas, familiar, profissional, política e cultural. Ou seja, elas

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

estão intrinsecamente presas às expectativas que lhes são impostas. E, toda a estrutura civil é moldada para que a mulher não seja um ser humano pleno, livre. Essas amarras contribuem para que o padrão se mantenha, para que as mulheres fiquem emparedadas dentro do papel de parede. Logo, a situação da protagonista de *O papel de parede amarelo* (2021) se aproxima ainda mais da nossa realidade, ainda que se passe séculos atrás, pois exemplifica justamente essa integração arbitrária da mulher no meio social, como esposa e mãe, mas evidenciando também os males que isso pode lhes causar em determinados casos.

Diante disso, abraçar a sua loucura, o seu delírio, leva a personagem a rasgar o papel de parede, a sentir-se viva. Ela se liberta do padrão, e não se vê sozinha: "há tantas mulheres rastejantes, e elas rastejam tão rápido. Será que todas elas se libertaram do papel de parede, como eu me libertei?" (Gilman, 2021, p. 24). Com isso, percebemos como a obsessão e a loucura tiveram um papel decisivo para a protagonista se libertar das expectativas do outro e ainda encontrar semelhantes. Mesmo com as suas questões psicológicas, ela conseguiu sua liberdade, o seu livre arbítrio. Ao ser livre, ela não depende mais do outro, e conclui dizendo o seguinte: "– Consegui me liberar, finalmente – respondi –, apesar de Jennie! E arranquei a maior parte do papel, então não podem me colocar de volta!" (Gilman, 2021, p. 25).

A sua libertação, assim, é literal e simbólica. A personagem precisa ser livre tanto quanto precisa respirar. Portanto, ao ceder espaço à sua loucura e finalmente ser seu próprio sujeito, ela toma o controle de sua vida de volta para si. Além disso, ao nos depararmos com "mulheres rastejantes", percebemos que, provavelmente, a liberdade possível para as mulheres no século XIX precisava ser silenciosa, às margens, para assim ganhar força.

> Quando ela, ao mesmo tempo, transforma sua fraqueza e sua força numa arma, não se trata de um cálculo preestabelecido: espontaneamente ela procura sua salvação no caminho que lhe foi imposto, o da passividade, ao mesmo tempo que reivindica ativamente a soberania; e, sem dúvida, esse processo não "é de guerra leal", mas lhe foi ditado pela situação ambígua que lhe determinaram (BEAUVOIR, 2024, p. 86).

O excerto acima traz um significado ligado à condição ambígua da mulher dentro da estrutura patriarcal. Beauvoir (2024) fala da estratégia inconsciente e contraditória que a mulher, historicamente oprimida, desenvolve para sobreviver e resistir num mundo que a define pela passividade. Por outro lado, a loucura de Damaris, protagonista de *A Cachorra* (2020), se dá de outra forma: ela espelha na cachorra o que a sociedade fez com ela. Se antes ela era oprimida

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

como mulher, agora ela oprime a cachorra: por fugir, por ficar prenha várias vezes, por ser uma péssima mãe.

É pertinente salientar, ainda, como a construção da sua loucura não é tão nítida quanto a que ocorre em *O papel de parede amarelo* (2021), uma vez que a sua obsessão em ser mãe é mais aparente que seus delírios com a cachorra, o que, consequentemente, os tornam apenas uma resposta de Damaris para as dores que sente. Então, ao culpar a cadela, Damaris joga seus sentimentos nela e, principalmente, sente inveja e remorso: "A cachorra começou a abanar o rabo para Damaris, e ela a odiou. Fazia uma semana que estava fora e agora retornava para deixar tudo o que tocava imundo" (Quintana, 2020, p. 120).

Podemos concluir que, um dos fatores da loucura iminente de Damaris é a sua possível "infertilidade", colocado entre aspas pois não fica claro no romance se é a protagonista ou seu parceiro que é infértil. Assim, Badinter (2011) afirma o seguinte: "Hoje em dia, é forte a tendência para considerar a infertilidade como uma falha da feminilidade. A mulher que não tem filhos ou é digna de pena ou de censura" (2011, p. 145), ou seja, mesmo que não seja Damaris a pessoa infértil de seu relacionamento, ainda assim as consequências recaem majoritariamente sobre ela, e a questão que fica é: como suportar isso? Portanto, sua reação e seu ódio são tantos que ela resolve doar a cachorra. No entanto, Chirli sempre acaba voltando para a sua casa, até que um dia ela toma medidas drásticas:

> Então viu a cachorra. Estava no fundo do quiosque, estirada ao fogão de lenha, atrás das outras cortinas, que ela não tinha tocado e continuavam penduradas. Furiosa, Damaris pegou uma corda de amarrar lanchas, fez um nó corrediço, saiu do quiosque pelo lado que dava para a piscina, o rodeou, entrou pelo lado do fogão e enlaçou a cachorra por trás, antes que ela pudesse perceber o que estava acontecendo (QUINTANA, 2020, p. 146).

Após matar a cachorra, que ela tanto amava, que via como uma filha, Damaris "observou tudo com horror, mas também com uma espécie de satisfação" (Quintana, 2020, p. 147). Assassinar sua cachorra, talvez, tenha sido a sua maneira de desprender-se das expectativas sociais que tanto influenciaram a sua vida e retornar para si. Ao fazer isso, ela não precisa mais ser uma "boa mulher" ou uma "mãe", ela pode se dar ao luxo de errar e de ser livre.

A morte da cachorra, de certa forma, simboliza a sua liberdade enquanto mulher e enquanto pessoa, pois volta para a questão colocada por Badinter quando diz que "a maternidade se associa a um fardo e a uma perda. Perda da liberdade de movimento, de energia, de dinheiro,

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

de prazer, de intimidade e até mesmo de identidade" (2011, p. 123), e Damaris, por menos convencional que seja, estava perdida sendo a "mãe" da cadela.

Dessa forma, pode parecer contraditório, mas aceitar a loucura, o delírio, o desequilíbrio, a obsessão e a insanidade levaram tanto Damaris quanto a mulher de *O papel de parede amarelo* (2021) a serem livres de desejos que nunca foram totalmente delas. E elas conseguiram se libertar porque a sociedade não espera nada de quem considera "louco" pois, segundo Foucault (2020), a loucura é uma maneira de exclusão social e marginalização que carrega um viés institucional para a repreensão de comportamentos digressores, e há algo mais digressor do que uma mulher que não aceita a maternidade?

Assim, a desconstrução da feminilidade de ambas se deu ao aceitarem que, para serem livres, teriam que cometer atos insanos, se provarem dignas de reprovação social. E, como Badinter (2011) aponta, "querendo ou não, a maternidade não é mais que um aspecto importante da identidade feminina, e não mais o fator necessário à obtenção do sentimento de realização do seu eu feminino" (p. 148), ou seja, tanto Damaris quanto a protagonista do conto de Gilman expressam essa insatisfação com a maternidade, evidenciando para nós que ser ou não mãe não é o que as deixa realizadas enquanto indivíduos.

Em outras palavras, Badinter (2011) rompe com a ideia tradicional de que ser mulher é, necessariamente, ser mãe, ao afirmar que a maternidade é apenas um aspecto possível da identidade feminina, e não o elemento que deve defini-la como um sujeito. Ou seja, a maternidade pode fazer parte da realização pessoal de uma mulher, mas não é sua condição obrigatória ou natural.

Assim, as personagens tratadas aqui não precisam mais se verem presas aos padrões sociais que impõem ao corpo feminino a maternidade forçada, elas são mais do que mães (ou não-mães). Enfatizamos, a partir desta análise que, ao dizer que elas não precisam mais se verem presas aos padrões sociais, ratificamos aqui um movimento de desnaturalização da maternidade como destino obrigatório, revelando-a como construção histórica e ideológica, e não como essência do feminino.

5 Considerações finais

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A análise das obras *o papel de parede amarelo* (2021), de Charlotte Perkins Gilman, e *A Cachorra* (2020), de Pilar Quintana, revela a complexidade das experiências femininas no contexto dos séculos XIX e XXI, onde ainda há certa expectativa sobre o corpo e a mente feminina. Ambas as narrativas, assim, se encontram justamente na representação da maternidade e como ela é capaz de desconstruir papéis pré-determinados para as mulheres socialmente. Através das complexas relações entre a 'mãe' e a 'não mãe', tanto Gilman (2021) quanto Quintana (2020) exploram as consequências dolorosas que a pressão social e as expectativas de gênero têm na vida de uma mulher.

A loucura e a obsessão, presentes em ambas as obras, culminam na liberdade que só é possível quando não há mais nenhum resquício do desejo do outro em si mesmo. Além disso, as leituras feministas oferecem um entendimento mais profundo da desconstrução da feminilidade que ocorre nas obras analisadas, permitindo que assim o leitor consiga identificar os males que acontecem quando as pessoas são colocadas dentro de uma norma impossível de ser seguida.

As obras de Gilman (2021) e Quintana (2020) não apenas refletem os medos sociais presentes até os dias de hoje, como também se fazem relevantes na discussão sobre maternidade, loucura e papéis de gênero. Desse modo, a crítica feminista, com suas diversas vertentes e campos de atuação, nos permite um olhar mais sensível quanto às relações da mulher com o seu meio, e, sobretudo, desnaturaliza tais imposições e evidencia que o que é frequentemente interpretado como "loucura", nas protagonistas de ambas as obras, pode ser compreendido como resposta ao confinamento social e psíquico.

Em Gilman (2021), a ruptura mental emerge do silenciamento e da interdição da palavra, em Quintana (2020), do colapso diante da frustração do ideal materno. Em ambos os casos, a loucura deixa de ser apenas um desvio individual e passa a ser lida como sintoma de uma estrutura social opressiva.

Em suma, a partir desta análise, a crítica feminista amplia o olhar ao articular diferentes dimensões femininas – históricas, culturais, psíquicas e políticas – nos permitindo compreender a mulher não como essência fixa, mas como sujeito em construção, atravessado por discursos, relações de poder, complexidade das experiências femininas, especialmente no que tange às tensões entre maternidade, identidade e liberdade.

CRediT

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7594 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: **FERREIRA,** Lana Rayssa dos Santos Conceitualização, Análise formal, Investigação, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. **PINHEIRO-MENEGON,** Patrícia Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

BADINTER, Elisabeth. *O conflito:* A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. *A mulher independente*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2024.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia. *Teoria literária:* abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo:* e outros contos. São Paulo: Editora Princípios, 2021.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo:* Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

QUINTANA, Pilar. *A cachorra*. 1° ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes:* mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.